

Elementos para a compreensão do fenômeno da evasão na UFF

FRANCISCO DE ASSIS PALHARINI*

* Professor do Departamento de Psicologia da UFF. Coordenador do NUTADI – Núcleo Transdisciplinar de Avaliação e Desenvolvimento Institucional - e Coordenador da Comissão Permanente de Avaliação Institucional da UFF. E-mail: palharin@nitnet.com.br e nutadi@vm.uff.br

Recebimento: 16 de fevereiro de 2004

Aprovação: 10 de março de 2004

Resumo: Este estudo teve por objetivo principal traçar os contornos que caracterizam a ocorrência do fenômeno da evasão nos cursos de graduação da UFF, considerando a magnitude de sua ocorrência, nos últimos 20 anos, o modo pelo qual foi tratado pela instituição e a análise, por área do conhecimento, das suas possíveis causas. Para atender estes objetivos procedeu-se a análise dos resultados de uma pesquisa especialmente conduzida pela Pró-reitoria de Assuntos Acadêmicos da UFF sobre a evasão nos cursos de graduação, segundo a área de conhecimento na qual se inserem. Os dados oriundos deste estudo foram obtidos com as respostas dadas por 542 estudantes de graduação evadidos que responderam ao instrumento proposto, no formato likert. Para efeitos de investigação sobre as causas da evasão, as respostas dadas por estes estudantes foram classificadas como de natureza individual, institucional e externas à universidade. Os resultados obtidos indicam a prevalência do fator institucional, seguido das de ordem externa à universidade. Este conjunto de resultados revela a contraface do discurso da democratização do acesso e da preocupação com a qualidade do ensino, a exclusão acadêmica. O estudo conclui pela necessidade de políticas mais consistentes e apresenta propostas metodológicas e políticas para o tratamento da questão no âmbito da UFF.

Palavras Chaves: Evasão, exclusão, egressos.

Abstract: This study had as its main objective define the major characteristics of the attrition phenomenon in the undergraduate programs of UFF, considering the magnitude of its occurrence, in the last twenty years, the way its was dealt with by the institution and the analysis, in different fields of knowledge, of its possible causes. In order to meet with these objectives, we analyzed the results of a research conducted by the University's Office of Undergraduate Studies. The data gathered by this study were obtained from answers given by 542 undergraduate students who had dropped out of their respective programs and who answered the proposed questions in the likert format. In order to determine the causes of attrition, the answers were classified as individual, as institutional, or as external to the university. The results reveal the other side of the democratization of access discourse and of the concern with the quality of teaching – academic exclusion. The study concludes that there is a need for policies which are more consistent, and presents political and methodological proposals for dealing with the issue at UFF.

Key words: attrition; exclusion; alumni.

Este estudo teve por objetivo principal traçar os contornos que caracterizam a ocorrência do fenômeno da evasão nos cursos de graduação da UFF, a partir da opinião de estudantes evadidos desta instituição. Ele é resultante de um projeto mais amplo que visa compreender como o fenômeno da evasão vem sendo tratado pela UFF, ao longo dos últimos 20 anos (Palharini, 2002), e que foi desenvolvido pelo NUTADI – Núcleo Transdisciplinar de Avaliação e Desenvolvimento Institucional - com apoio da CPAIUFF – Comissão Permanente de Avaliação Institucional da UFF -, da Pró-reitoria Acadêmica e do CNPQ/PIBIC/UFF.

Espera-se que, entre os benefícios gerados para a instituição, o presente estudo possa: a) subsidiar, na UFF, a formulação de políticas acadêmicas que contribuam para a redução significativa dos índices de evasão; b) subsidiar o processo de revisão dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação e c) subsidiar o processo de Avaliação Institucional. Pretende-se, deste modo, contribuir para que a UFF estabeleça uma política mais consistente, visando minimizar a ocorrência do abandono dos cursos de graduação, além de contribuir para a melhoria do projeto pedagógico institucional, para a democratização do acesso e para a permanência dos seus estudantes.

A relevância dessa temática para a UFF fundamenta-se no fato de que, em muitos cursos, os índices de ocorrência da evasão apresentam-se de uma forma preocupante (MEC, 1996; CPAIUFF, 1997; SECPLAN, 2000), a despeito da generosidade das regras estabelecidas institucionalmente para classificar um aluno como evadido. Os indicadores existentes na instituição indicam aproximadamente uma taxa de trinta por cento de evasão, acompanhando a tendência nacional (MEC, 1996). Estes dados, por si sós, expressam a gravidade do problema, tanto do ponto de vista institucional quanto do social. Aprofundar, portanto, a compreensão sobre o fenômeno da evasão na UFF significa contribuir para que a instituição amplie a sua contribuição para a sociedade brasileira, formando os profissionais de que ela necessita para o seu desenvolvimento, e para que atuais políticas de ingresso, acesso e manutenção do estudante na educação superior sejam repensadas.

Para cumprir os objetivos propostos utilizamos os dados obtidos pela Coordenadoria de Avaliação da PROAC por meio de pesquisa realizada com os estudantes da UFF, a qual visava identificar elementos que, segundo os evadidos, contribuem para gerar a evasão nos diferentes cursos de graduação (PROAC/CPAIUFF, 1998)¹. Os dados obtidos por meio deste estudo foram por nós sistematizados por curso e por cada item do questionário aplicado. O objetivo de apre-

¹ Este estudo foi coordenado por Rosângela Lopes Lima, coordenadora do setor na época. Cabe ressaltar que dada a impossibilidade de operar o banco de dados, organizado originalmente, as informações foram manualmente separadas para cada questão, a fim de possibilitar a análise qualitativa por curso e área de conhecimento.

ender o modo como a evasão está sendo gerada não implica reduzir as explicações sobre sua ocorrência a princípios simples, sob o argumento de que assim é necessário para orientar racionalmente os gestores acadêmicos na sua minimização. Como ressalta Morin (1999, p.27):

“A redução unifica aquilo que é diverso ou múltiplo, quer aquilo que é elementar, quer aquilo que é quantificável. Assim, o pensamento redutor atribui a verdadeira realidade não às totalidades, mas aos elementos, não às qualidades, mas às medidas; não aos seres e aos entes, mas aos enunciados formalizáveis e matematizáveis”.

Para Morin, o princípio da explicação vê no aparecimento de uma contradição o sinal de um erro de pensamento. O princípio da compreensão reconhece e enfrenta as contradições quando os dados apelam, de forma coerente e lógica, para a associação de duas idéias contrárias para conceber o mesmo fenômeno. Abordar, portanto, o fenômeno da evasão na UFF a partir de uma perspectiva compreensivista é função do reconhecimento da complexidade que articula a manifestação da evasão com o contexto social e institucional no qual esta modalidade de ensino se desenvolve. Acrescentam-se, ainda, as próprias motivações, desejos e expectativas dos jovens estudantes que ingressam na educação superior sem ter clareza dos caminhos profissionais a seguir em suas vidas.

Por evasão compreende-se a saída definitiva do aluno do curso de origem sem concluí-lo. Embora esta seja uma definição praticamente consensual entre os estudiosos da temática, verifica-se que, a partir deste ponto, as divergências começam a se manifestar. Estas diferenças residem nos parâmetros pelos quais o aluno evadido é identificado, pois esta saída definitiva pode assumir diferentes conformações tanto no que diz respeito à forma quanto ao seu significado. Comumente são consideradas as seguintes formas de saída: o aluno não se matricula e abandona o curso; o aluno comunica oficialmente a desistência; o aluno opta pela transferência para outro curso da mesma instituição; o aluno é excluído por norma institucional; o aluno opta por transferir-se para o mesmo curso em outra instituição. Não é preciso uma análise bastante aprofundada para verificar que as diferentes modalidades de saída ou abandono estão sujeitas a diversas formas de operacionalização. Entre outras questões, podemos indagar: Quais são os critérios institucionais que identificam um aluno como evadido? Quantos períodos letivos trancados são necessários para caracterizar a evasão? Mudança de curso na mesma instituição significa evasão de curso? Aluno falecido é aluno evadido?

Além disso, o próprio conceito de evasão dificulta seu estudo ou sua padronização. Se por um lado há quem admita uma elasticidade muito grande para entender um aluno como evadido, ampliando em muitas categorias sua classifica-

ção, outros estudos apontam um rigor imenso. Como exemplo podemos apontar o aluno que faleceu, antes de graduar-se. Evidentemente ele pára de freqüentar as aulas, o que o torna oficialmente um “desistente”. E, assim, contribui para aumentar o número de evadidos que uma IES apresenta. Outro exemplo são os alunos que não conseguem se formar no tempo previsto, atrasando-se em relação a sua turma inicial. Tem-se aí o aluno retido, que, dependendo do modo como a evasão é aferida, faz crescer ainda mais o número de evadidos. A partir de tamanha “elasticidade” conceitual é que se pode detectar uma variedade imensa de índices, sem que se tenha concordância a respeito do número de evadidos de um curso ou da instituição.

Para Bueno (1993) cabe diferenciar evasão e exclusão acadêmica. Para este autor, a evasão corresponderia a uma postura ativa do aluno que decide desligar-se por sua própria responsabilidade; já a exclusão implica uma responsabilidade da escola, e de tudo que a cerca, por não ter mecanismos de aproveitamento e direcionamento do jovem. Uma outra distinção importante foi proposta por Ristoff (1995), ao distinguir evasão de mobilidade. Esta é compreendida como a migração do aluno para outro curso, e evasão corresponderia ao abandono dos estudos. Trata-se, obviamente, de evasão do curso de origem, mas não do sistema educacional. Nesta perspectiva, cabe indagar de que tipo de evasão está se falando quando se conduz um estudo dessa natureza. Trata-se da evasão de curso? Ou da instituição? Ou do próprio sistema de ensino superior? As implicações destas questões são diferentes quando tratamos do problema na sua totalidade.

A evasão de curso pode implicar tanto a migração para um curso de outra natureza dentro da própria instituição, ocasionada por insatisfação com a carreira escolhida, quanto para o mesmo curso, mas em outra instituição, neste caso tanto por insatisfação com o curso propriamente quanto por outras razões sociais e/ou institucionais. Nestes casos não ocorreu perda do investimento em termos globais. Esta perda, entretanto, embora real, merece ser relativizada, pois o evadido recebeu acesso à educação superior, mesmo que parcialmente, e isto também tem de ser contabilizado socialmente.

Um outro problema constantemente encontrado nos estudos realizados a respeito da evasão relaciona-se à contemporaneidade do problema apresentado. Muitas vezes dá-se preferência a estudos mais criteriosos, envolvendo uma geração completa de alunos, com suas diferentes particularidades etc. O problema nessas pesquisas é que, apesar de encontrarem índices que supostamente têm maior relação com a realidade, não são capazes de abranger as gerações atuais de estudantes, que por sua vez indicam mais fidedignamente a situação por que as universidades passam no período correspondente à pesquisa. Isso faz com que os índices relacionem-se sempre com o comportamento desatualizado dos estudantes. Por outro lado, há estudos que se propõem a entender o fenômeno de evasão nos anos mais

recentes. Eles encontram barreiras acadêmicas que não permitem uma visão mais acurada dos índices. Trava-se então um debate entre a fidedignidade e a atualidade do fenômeno estudado.

As dificuldades para conceituar com clareza a evasão no ensino superior não param aí. Elas também se manifestam nas diferentes modalidades pelas quais se busca aferi-la, seja no curso, seja na instituição ou no sistema de ensino. Observa-se na literatura a existência de muitas alternativas para realizar esta aferição. Ramos (1995) identificou três métodos para aferir os índices de evasão. O primeiro deles é denominado “Tempo médio” e é expresso pela seguinte equação: **% de evasão = [(NVPv – NAV) / NVPv] 100**, onde **NVPv** é o número de vagas preenchidas no vestibular nos anos correspondentes ao tempo médio de conclusão do curso, e **NAV** é o número de alunos vinculados nos anos correspondentes a esse tempo médio.

O segundo método apontado por Ramos é o denominado de “Fluxo”. Este leva em conta o ingresso, retenção e saída de alunos por ano de ingresso na instituição, considerando o tempo máximo de integralização curricular. Um terceiro método é o de “Quase-Fluxo”, o qual estabelece a comparação entre vagas preenchidas no vestibular e o número de alunos vinculados em cada ano do tempo médio do curso. Este método é também denominado de *coortes* ou acompanhamento de estudantes. Por meio dele busca-se acompanhar gerações completas de estudantes, desde o ingresso até o tempo máximo de integralização curricular. Assim, definida a geração de alunos onde a taxa de evasão será aferida, o procedimento implica compreender a evasão como o número de diplomados desta geração mais o de retidos dividido pelo número de ingressantes.

Do ponto de vista conceitual, há que se distinguir entre a evasão e retenção no curso. Retenção diz respeito ao estudante regularmente matriculado no seu curso de origem e que já extrapolou o tempo médio de integralização curricular. Esta distinção nem sempre é considerada nas diferentes formas de se aferir a evasão, especialmente antes de 1996. Segundo Ramos, a diferença entre este procedimento e o anterior reside apenas nos prazos em que se cobre o fluxo em questão. Assim, a taxa de evasão seria estabelecida segundo o seguinte procedimento: **Ni = Nd + Ne + Nr**. Por geração completa entende-se aquela em que o número de diplomados (**Nd**), mais o número de evadidos (**Ne**), mais o número de retidos (**Nr**), é igual ao número de ingressantes (**Ni**), considerando o tempo máximo de integralização curricular. Dessa forma, no levantamento de evasão de curso, considera-se a série histórica de dados sobre uma determinada geração de alunos ingressantes e o tempo máximo de integralização curricular. São identificados como evadidos do curso os alunos que não se diplomaram neste período e que não estão mais vinculados ao curso em questão. O procedimento de cálculo da evasão se expressa por: **% Evasão = (Ni – Nd – Nr) dividida pelo número de ingressantes (Ni)**

Muito embora esta formulação seja amplamente aceita, ela implica aferir-se apenas taxas de evasão de gerações de estudantes que já integralizaram o tempo máximo de integralização curricular. Considerando-se que este em média situa-se na faixa de 18 períodos letivos por curso, as taxas aferidas por este procedimento acabam por ficar muito defasadas em relação ao momento em que são calculadas. Conseqüentemente, os procedimentos anteriormente descritos tendem a continuar sendo utilizados, uma vez que possibilitam estimativas mais atuais, embora careçam de exatidão.

A respeito do método “Quase-fluxo” ou *coortes*, cabe destacar que ele se disseminou no Brasil a partir de 1996, com o estudo conduzido pela Comissão ANDIFES/MEC. Este estudo foi publicado pelo MEC em 1996. A motivação para esta iniciativa da ANDIFES residia no modo pelo qual o MEC fazia suas estimativas sobre a taxa de evasão nas universidades brasileiras. Esta estimativa baseava-se na diferença entre o número de ingressantes e o número de formandos, e conseqüentemente não incluía os estudantes retidos. Outros procedimentos encontrados na revisão de literatura implicam considerar a evasão como a relação existente entre o número de matrículas canceladas no período e o número de estudantes matriculados existentes. Deste modo a evasão seria aferida pela seguinte fórmula:

$$\text{Evasão} = \frac{\text{Número de matrículas canceladas no período}}{\text{Número de matrículas existentes no momento do estudo}}$$

Outra possibilidade de aferição seria a diferença entre o número de ingressantes e o número de diplomados no período. Deste modo a evasão seria aferida pela seguinte fórmula:

$$\text{Evasão} = \frac{\text{Número de ingressantes em um determinado período}}{\text{Número de diplomados em um determinado período}}$$

Nesses estudos, verificamos que as taxas de evasão são medidas pela relação entre ingressantes e formados. Mas isso não expressa o índice de evasão, na medida em que o número de alunos matriculados, em inúmeros casos, tende a corresponder ao valor aproximado da relação entre o número de períodos letivos previstos e o número de vagas oferecidas. Uma quarta forma de aferir considera a evasão como:

$$E = \frac{\text{Número de ingressantes no período} - \text{Número de diplomados no período}}{\text{Número de matriculados}}$$

No que tange às formas de compreender a evasão, verifica-se, na literatura dos últimos anos, segundo Palharini, Martins, Rangel, et al (2001a e 2002a), uma tendência declinante em se considerar a evasão como conseqüência de uma escolha inadequada da carreira ou de um desempenho acadêmico insatisfatório. Esta

tendência, muito comum nos anos 80, deriva-se de perspectivas teóricas advindas da Psicologia e que orientavam os estudos de então. A tendência atual assenta-se sobre a perspectiva de que as causas da evasão encontram-se na própria instituição ou no seu entorno. Mas esta é ainda uma questão em aberto para aqueles que utilizam como referencial teórico a teoria da dissonância cognitiva, conforme proposta por Festinger (1975), para conduzir seus estudos. Segundo a teoria da dissonância, após uma decisão ter sido tomada, a pessoa tenderia a ressaltar os seus respectivos aspectos positivos, assim como os aspectos negativos da(s) alternativa(s) preferida(s). Este seria o modo pelo qual a pessoa encontraria a harmonia cognitiva postulada pela teoria da dissonância. Esta teoria tem sido utilizada em alguns estudos (Costa e Campos, 2000) como instrumento para explicar o porquê de os estudantes evadidos apontarem questões relativas ao curso como insatisfatórias.

No campo da Psicologia os referenciais teóricos que dão suporte às pesquisas sobre evasão consideram as particularidades psíquicas e motivacionais nela envolvidas. Os principais referenciais teóricos utilizados pelos pesquisadores assentam-se sobre os estudos de Allport (1968) e Boholavsky (1983). De acordo com Allport, a família, o meio ambiente, os níveis socioeconômicos, o caráter dos pais, a hereditariedade, o sexo, as capacidades, a maturidade física, os valores, a aprovação, as experiências da infância e da adolescência, as identificações, tendências sociais ou gregárias, o conceito de si e a percepção das funções profissionais são fatores que têm uma influência sobre a orientação dos interesses. A variedade de dados é tal e o processo de integração é tão complexo que é difícil elaborar uma teoria clara que dê conta de cada aspecto.

Para Bohoslavsky (1983), a constituição do sujeito vocacional não é o resultado de um ato de pura percepção individual. O fato é que entre este e o objeto interpõe-se a imagem vocacional. A família, a escola e os meios de informação são os principais meios de projeção de imagem vocacional. Se somente 25% dos alunos que saem dos cursos universitários o fazem nos cinco, seis ou sete anos normal, e 50% dos alunos universitários requerem mais de dois anos e meio, ou três, cabe perguntar para quem foram pensadas as exigências dos planos de estudo. Pode-se somar ainda as cifras de desistência, que oscilam entre 35% e 60%, de acordo com o curso, cujas causas não são todas atribuídas às condições socioeconômicas extrauniversitárias.

No Brasil, a partir desta perspectiva psicológica, destacam-se os estudos realizados por Freitas (1980), Bean (1980) e Borunchovitch (2001). Freitas analisa as motivações de escolha profissional declarada pelos jovens a partir da hipótese de que elas possam ser mascaradas por influências várias, e, portanto, examina alguns motivos de preferência em nível mais profundo e sob técnica adequada, objetivando descobri-los e verificar sua hierarquia. O autor aproximou cinco

valores das necessidades humanas, segundo a versão de Maslow. As respostas de 629 adolescentes a questionários foram submetidas a tratamento estatístico, após sua transformação em dados quantitativos. Um exame dos adolescentes, sob o ponto de vista socioeconômico, mostra que os subgrupos conseqüentes da aplicação do critério sentem a necessidade econômica, necessidade de sociabilidade e necessidade de satisfação pessoal, com intensidades diferentes.

Bean (1980) procurou explicar o processo de evasão/permanência do aluno através de um modelo que enfatiza o papel que os fatores externos à instituição desempenham na modulação de atitudes e decisões dos indivíduos (família, amigos, questões financeiras, transferências, entre outros). E Borunchovitch (2001) ressaltou que alunos com dificuldades de aprendizagem apresentam descrença ou percepção distorcida quanto à própria capacidade de realizar tarefas escolares com sucesso. Se, por um lado, essas percepções negativas são passíveis de gerar problemas motivacionais, que, por sua vez, contribuem mais ainda para aumentar as dificuldades de aprendizagem existentes, por outro lado, os problemas motivacionais podem também ser vistos como precursores de dificuldades de aprendizagem, visto que padrões motivacionais disfuncionais estão, geralmente, presentes até mesmo em alunos muito inteligentes. Para Borunchovitch alunos motivados, em geral, são marcados por interesses de busca, esforço, pela persistência e pelo engajamento em atividades acadêmicas. Em contraste, estudantes desmotivados não se esforçam intencionalmente, resistem em procurar ajuda e desistem facilmente diante de desafios e dificuldades. As teorias recentes da motivação têm aquilatado a importância dos processos superiores como a metacognição, a capacidade de o indivíduo pensar sobre seus próprios pensamentos, tendo em vista o alcance de níveis mais altos de autoconsciência. Assim, aponta a necessidade de se ensinar pessoas a entender e controlar melhor seus pensamentos, bem como ajudá-las a compreender como as crenças pessoais relacionam-se com a motivação.

Apesar da grande contribuição que podem fornecer para as pesquisas sobre evasão, tais estudos não sustentam explicações convincentes quando nos defrontamos com a repetição do fenômeno, indicando o alto ou baixo índice de evasão em uma dada instituição. Em outras palavras, cada estudante tem suas razões para desligar-se do curso que frequenta. Uma investigação nesse campo não parece suficiente para explicar índices de evasão que muitas vezes se apresentam bastante altos; além disso, não parece capaz de esclarecer o que diferencia um curso do outro, ou uma universidade da outra.

A revisão de literatura indica, também, que o tema da evasão tem recebido significativa atenção por parte dos pesquisadores brasileiros desde o início da década de 80, mas é só a partir dos anos 90 que este interesse passa a se concentrar de modo marcante no ensino superior (Palharini, Martins, Rangel, et al, 2002a).

Este interesse pela temática, a partir da década de 90, está mais associado às questões relativas à política educacional de cunho neoliberal, inspirada nas recomendações de organismos internacionais, como o BID e Banco Mundial, e orientada por resultados mensuráveis, que vem sendo implementada no Brasil desde o início da década de 90 (Silva Jr. e Sguissardi, 1999). Esta orientação política implicou privilegiar os aspectos políticos de gestão, especialmente das IES públicas, e as questões monetárias relacionadas aos altos índices de evasão verificados na maioria das IES brasileiras. Sua relevância atual também está associada às metas estabelecidas para expansão desta modalidade de ensino, segundo o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2001).

Conseqüentemente, neste contexto das políticas públicas para o ensino superior, ampliaram-se os estudos visando aferir o grau de ocorrência da evasão nas IES brasileiras, estimado em aproximadamente 30% (MEC, 1996), e identificar as carreiras e áreas onde o fenômeno da evasão se manifesta com mais intensidade. Neste relatório verificou-se que em alguns cursos o fenômeno assumia contornos dramáticos, isto é, apenas 20% dos que ingressaram vieram a se diplomar. Pode-se, ainda, observar uma tendência para forte concentração da evasão em cursos orientados para a formação de professores e na área de ciências exatas.

A relevância destes estudos, segundo seus proponentes, assentava-se na compreensão de que, especialmente nas IES públicas, a evasão acarreta perda do dinheiro público, na medida em que aumenta o número de vagas “ociosas” nos bancos universitários. Segundo Reis (2000), esse tema ganha significação especial se pensarmos o Brasil como um país repleto de analfabetos, em que poucos conseguem efetivamente alcançar um nível mais “s sofisticado” de educação. Esta lógica eficientista ganhou impulso por meio das reiteradas críticas provenientes de dirigentes do MEC às universidades brasileiras, especialmente as públicas, sobre a ineficiência do ensino promovido por estas instituições. Este Ministério, no início da década de 90, reiterava a acusação de ineficiência às universidades e esgrimia números que buscavam respaldar sua compreensão.

Ainda neste contexto das políticas públicas para a educação superior, pode-se dizer que surgiram dois movimentos impulsionadores para os estudos sobre a evasão. De um lado, nas universidades, acentuou-se a preocupação com a necessidade de aferir de modo mais sistemático os índices de evasão nos respectivos cursos, bem como buscar explicações para sua ocorrência, dada a preocupação com os processos de avaliação, especialmente a proposta do PAIUB (PAIUB, 1993) e, também, por conta da indução promovida pela Avaliação das Condições de Oferta. De outro, cresceu o movimento de crítica à forma pela qual a evasão era concebida conceitualmente pelo MEC e que sustentava as críticas às IES públicas. De qualquer modo, ressalta-se, na maioria dos estudos, a preocupação com os índices ou com as formas de medi-lo, mais do que com a apreensão do significado da ocorrência da evasão e de suas possíveis causas.

Os estudos e pesquisas conduzidos pela perspectiva do PAIUB, por sua vez, estavam mais orientados para inserir os seus respectivos resultados, tanto em termos de indicadores gerais como com relação às respostas que permitiam qualificar o porquê da evasão, visando utilizar os resultados na melhoria do ensino de graduação. Pode-se dizer que tais estudos contribuíram em muito para sensibilizar a comunidade universitária e os gestores acadêmicos para a importância do problema, embora, na maior parte das vezes, não tenham logrado contribuições mais significativas para a compreensão das causas da evasão, uma vez não terem sido divulgados seus resultados, assim como, em inúmeros casos, não foram devidamente analisados. A razão para isso residia, e ainda reside, tanto no volume de dados colhidos quanto, segundo Palharini (1999; 2001d), nas dificuldades de análise por parte das comissões de avaliação.

De qualquer modo, cabe ressaltar a contribuição destes estudos para incrementar o interesse por esta temática, e para a construção de um maior consenso sobre as formas de se aferir a magnitude da evasão nas IES. Mas, por ironia da política, esta ampliação do interesse resultou na inclusão das taxas de evasão na matriz da ANDIFES, no que tange à distribuição de recursos às IFES. Esta inclusão provocou um efeito paradoxal, isto é, de um lado aumentou o interesse institucional pela temática e pela redução da ocorrência do fenômeno, mas por outro lado provocou também distorções nos critérios institucionais para classificar um aluno como evadido, além de resistências quanto à divulgação dos índices aferidos. O pressuposto é que medidas claras neste sentido ampliariam a penúria financeira das IES públicas.

Entre as principais pesquisas brasileiras que, na área de educação, visam encontrar causas comuns a todos os cursos de graduação, se destacam as realizadas por Costa (1976; 1979), que observou a incidência de altos índices de retenção e evasão nos primeiros semestres do ciclo básico como consequência do tipo de seleção promovido pelo concurso vestibular. O autor levanta a questão de que o abandono não parece ter relação com a qualidade ou dificuldade do curso, já que os alunos nem chegam a conhecê-lo, por sair no ciclo básico.

Rosa (1977) vincula a ocorrência da evasão a diferentes características pessoais dos alunos, à estrutura do curso e à profissão exercida, como, por exemplo, o nível de prestígio da profissão. Os cursos menos disputados podem receber alunos que não procuravam exatamente aquela profissão, e por isso são fortes candidatos à evasão. A dificuldade de conciliar o horário de trabalho com o das disciplinas a serem cursadas, a insatisfação com o curso e o seu grau de dificuldade seriam as principais causas de evasão.

Moysés et al (1985) realizou na UFF um estudo envolvendo 25 cursos, no qual foi avaliado o fenômeno da evasão a partir de fatores relacionados ao curso e às características dos evadidos. A autora afirma que as causas da evasão estão

na própria instituição, vinculadas a problemas inerentes a cada curso. Os resultados que obteve indicam que os cursos de maior prestígio social são os que apresentam as maiores taxas de evasão e que a causa mais citada é a impossibilidade de conciliar o horário de trabalho com o das disciplinas a serem cursadas, o que tende a piorar em cursos com currículos pouco flexíveis. Além disso, mostra como causa da evasão a insatisfação com o curso, o seu grau de dificuldade e a escolha equivocada, provocada por influências de familiares e amigos ou pela desinformação sobre a carreira. Os autores ressaltam, ainda, o fato de os pesquisadores trabalharem com um número pequeno de evadidos diante da grande quantidade de alunos que se evadem da anualmente. Considera, também, o nível de desempenho do aluno como a variável que mais acarreta o problema de evasão, além da motivação e da situação sócioeconômica, incluindo portanto a falta de disponibilidade de tempo como variável relacionada à evasão e à produtividade do curso.

Lemos, Tardin, Bragança, *et al* (1987) relatam o que os alunos e professores dos cursos de Farmácia, Administração, Química, Pedagogia e Medicina pensam em relação à questão da flexibilidade, racionalidade e eficiência, relacionadas à adoção do sistema de créditos da UFF. Entre os aspectos facilitadores são mencionados, entre outros, a flexibilidade curricular e a possibilidade de trancamento de disciplinas. Entre os dificultadores foram citados: o deslocamento de um prédio para outro, a desagregação das turmas e a sistemática de matrícula por disciplinas. Outras opiniões livres apontaram, por exemplo, falhas na formação filológica do aluno e na integração dos conteúdos.

Silva (1993) estudou a evasão nos cursos de formação de professores da UFF. Ele analisou o problema da evasão dos alunos de licenciatura através de um trabalho que, utilizando questionários e entrevistas, buscou construir o perfil do aluno evadido, bem como as principais causas da evasão. Silva verificou que as principais causas estavam relacionadas com a estrutura e o funcionamento dos cursos de licenciatura.

Paredes (1994) pesquisa a evasão no sistema universitário brasileiro a partir do estudo de duas universidades de Curitiba/PR, uma pública e a outra privada: Universidade Federal do Paraná e Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Observou-se que, nas duas universidades, os motivos mais frequentes para abandono dos cursos são muito próximos, assim como sua distribuição percentual. As diferenças aparecem como resultado do caráter pago e público de cada instituição, envolvendo aspectos financeiros como motivo de abandono no caso da PUC/PR. No que se refere à relação entre evasão e prestígio do curso, notou-se que pelo menos 15% das causas da evasão não se referem a esta última variável.

Peixoto (2000) realizou um estudo comparativo entre cursos de licenciatura e bacharelado, nível socioeconômico e desempenho no vestibular associado ao desempenho acadêmico, a cursos noturnos e à influência do gênero.

A partir destes estudos é possível reconhecer que, hoje, a evasão talvez seja um dos mais complexos problemas do ensino superior, no qual estão implicados componentes de ordem socioeconômica, psicológica e institucional. A revisão da literatura indica, ainda, uma tendência muito presente até o início dos anos 90: a de compreender a evasão como um fenômeno relacionado ao fracasso acadêmico, seja por parte do aluno, seja por parte do curso ou da instituição, a exemplo do que foi amplamente investigado no campo do ensino médio e fundamental. Suas causas estariam associadas ao processo de democratização do acesso ao ensino superior, verificado no Brasil a partir da década de 60 (UNICAMP, 1992; Paredes, 1994; Silva, 1995; Bicudo, 1995; MEC, 1996; Santos, 1999; Peixoto et al., 2000). Por democratização, os autores destes estudos compreendem a acelerada expansão das vagas observada para o ensino superior, promovendo o acesso de camadas cada vez mais amplas da população.

Nestes estudos, de modo geral, duas dimensões são comumente consideradas quando se trata das causas da evasão. Consideram-se os fatores exógenos e os fatores endógenos as IES. O primeiro diz respeito àquilo que a IES não pode controlar, aos fatores externos à sua organização, isto é a condição financeira do aluno, sua “aptidão”, o preparo prévio que pode colaborar para o sucesso ou para o fracasso do estudante, as perspectivas que o mercado de trabalho oferece e as informações que o aluno obteve antes de entrar na Universidade. Entre os fatores endógenos, destaca-se o corpo docente, a grade curricular, a organização da Universidade, a adequação do conteúdo apresentado à realidade profissional, entre outros (MEC, 1996; Peixoto et al, 2000, Reis et al, 2000).

Qualquer que seja o enfoque atribuído, é importante considerar que poucos devem ser os estudos – se é que os há – que desconsideram a evasão como um tema pluricausal. Trata-se, afinal, de comportamento humano, traços institucionais, mercado de trabalho e tantos outros fatores aos quais dificilmente se pode atribuir valor ou medida, mas que assumem uma configuração ímpar no processo acadêmico. Embora exista um razoável consenso a respeito da existência de uma série de questões envolvidas, os diferentes estudos realizados são cautelosos nas suas conclusões, no que tange às causas da evasão. Esta cautela deve-se às dificuldades de acesso ao estudante evadido, à falta de condições para a configuração clara da amostra de estudantes a ser investigada e à possível concomitância de múltiplas causas na decisão de abandonar o curso (Palharini, Martins, Rangel et al, 2001a). Entretanto, reconhece-se que a instituição universitária deve utilizar os resultados das pesquisas com vistas, pelo menos, a minimizar a ocorrência da evasão, assim como para aperfeiçoar seu projeto pedagógico na direção de ações cada vez menos excludentes. Foi, portanto, com este quadro de referências que resolvemos aprofundar a compreensão sobre as causas da evasão na UFF, utilizando-se de estudos realizados pela PROAC, cujos resultados não foram analisados na época.

Metodologia

A amostra considerada neste estudo está constituída de quinhentos e quarenta e seis ex-alunos de 34 cursos de graduação da UFF, correspondendo a 25,9% dos alunos que receberam o instrumento. Para a composição do universo de estudantes evadidos utilizou-se como conceito o desligamento do aluno do seu curso de origem sem concluí-lo. Para isso foi utilizada a metodologia de *coortes*, ou de “fluxo”, que prevê o acompanhamento do estudante até sua saída via diplomação ou por esgotar o tempo máximo para integralização curricular (MEC, 1996). Assim, foram consideradas as seguintes formas de saída: o aluno não se matricula e abandona o curso; o aluno comunica oficialmente a desistência; o aluno opta pela transferência para outro curso, ou ainda, o aluno é excluído por norma institucional. O critério adotado para a exclusão por norma institucional foi o aluno ter ultrapassado o tempo máximo de integralização curricular e não estar inscrito em nenhuma disciplina.

O instrumento utilizado, na forma de questionário, continha dezenove questões tipo *likert*, e foi elaborado com as contribuições de coordenadores dos cursos de graduação da UFF. Os questionários, com as instruções correspondentes, foram enviados pelo correio para o endereço constante nos registros da universidade, juntamente com um envelope selado para a resposta. Para fins de análise dos dados tomou-se como referência o agrupamento (Fator) das questões contidas no instrumento, considerando sua natureza, relacionada às dimensões individual, institucional ou externa à universidade. Por Fator Individual compreendem-se os itens relacionados diretamente à opção pelo curso e/ou características do estudante:

- Falta de vocação para a carreira;
- Desconhecimento da realidade do curso;
- Dificuldade de obter bom desempenho;

Por Fator Externo são compreendidos os itens relacionados à expectativa de trabalho ou à condição de vida do estudante:

- Problemas de ordem familiar;
- Pouca perspectiva no mercado de trabalho;
- Dificuldades de acesso à universidade;
- Despesas com a vida universitária.

E por Fator Institucional são compreendidos os itens relacionados à percepção de especificidades ou peculiaridades do curso:

- Decepção com a qualidade do curso;
- Horário do curso não permitir exercer outras atividades;
- Disciplinas do básico muito teóricas;
- Disciplinas do básico desarticuladas das do ciclo profissional;
- Intervalos grandes entre as disciplinas;

- Intervalos pequenos para deslocamento entre campi;
- Falta de oferta de disciplinas no horário noturno.

Os dados brutos, obtidos a partir do banco de dados, foram tratados por cursos e, posteriormente, reagrupados de acordo com as áreas de conhecimento nas quais eles se inserem. Para efeito do reagrupamento dos cursos pelas áreas tomou-se como referência a distribuição promovida pelo PIBIC/CNPQ/UFF².

Análise dos Resultados

Para efeito de análise descritiva e comparativa realizada com os dados obtidos, procedeu-se à identificação da predominância de influência em cada questão (grande ou nenhuma), como referência principal. Na análise de cada conjunto de dados consideramos aqueles relacionados ao global da UFF e, então, os comparamos com os obtidos para cada área de conhecimento, a fim de verificar as diferentes facetas em que o fenômeno se materializa na instituição.

Tendo em vista o procedimento utilizado para a abordagem do estudante evadido – envio de questionários pelo correio - considera-se satisfatório o percentual de resposta obtido (25,9%), uma vez que este se situa dentro da margem aceita em estudos desta natureza. Um outro aspecto a ser considerado diz respeito à amplitude do período no qual o universo amostral foi constituído. Assim, procedemos a algumas análises preliminares a fim de verificar a existência de disparidades na composição da amostra. Esta análise indicou haver uma razoável homogeneidade da amostra, quando comparamos as tendências para sua configuração nas áreas do conhecimento e no geral da UFF (Palharini, 2002). Destaca-se, também, que os maiores percentuais de retorno das respostas ao instrumento proposto ocorreram com aqueles alunos que ingressaram nos últimos anos do período investigado, e isto ocorreu em todas as áreas do conhecimento consideradas. Tal fato é justificado em boa parte pela questão dos endereços, ou seja, nos anos mais recentes é menos provável que os ex-alunos tenham mudado de residência.

Conforme evidencia a tabela I, da amostra geral, 29,6% evadiram dos cursos da UFF no primeiro semestre e 30,9% entre o segundo e o terceiro semestre, ou seja, os primeiros períodos são críticos em relação ao abandono do curso pelos alunos. Nas áreas de conhecimento há uma maior incidência de abandono entre o segundo e terceiro semestre nas áreas de Ciências Agrárias (46,1%), Ciências da

2 Área de Ciências Sociais Aplicadas: Administração, Arquitetura, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Comunicação Social, Direito, Serviço Social, Serviço Social (Campos); Área de Ciências Humanas: Ciências Sociais, Geografia, História, Pedagogia, Psicologia; Área de Ciências da Engenharia: Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia de Telecomunicações, Engenharia (básico), Engenharia Metalúrgica, Engenharia Elétrica, Engenharia Química; Área de Ciências da Saúde: Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição; Área de Ciências Exatas e da Terra: Física, Informática, Matemática (Niterói), Matemática (Pádua), Química, Química Industrial; Área de Linguística, Artes e Letras: Letras; Área de Ciências Agrárias: Veterinária. As áreas de Linguística, Artes e Letras e Ciências Agrárias foram compostas somente por um curso, cada uma, em função de serem os únicos a participarem da pesquisa.

Engenharia (35,3%), Ciências Humanas (34,6%) e Ciências Sociais (33,8%). Nas demais áreas de conhecimento, o abandono foi maior no primeiro semestre, onde se destaca a área de Lingüística, Artes e Letras (47,1%), Ciências da Saúde (45,3%) e Ciências Exatas (28,5%). Estes dados tendem a confirmar a hipótese de que nos primeiros períodos do curso a incidência da evasão é expressivamente alta, e dela se deriva a hipótese de que a evasão tende a decrescer nos períodos compreendidos como de final do curso.

Entretanto, verificamos neste estudo que, à medida que os alunos se aproximam do término do curso, isto é, depois de terem cursado mais de cinco semestres, o índice de evasão é expressivo em muitas áreas (de Ciências Sociais, de Ciências Humanas, de Ciências da Saúde e de Ciências da Engenharia). Somente na área de Lingüística e Letras observamos um baixo índice de evadidos entre os que cursaram mais de cinco semestres. Esta característica da amostra, na UFF, indica que as ações visando minimizar a ocorrência da evasão devem se concentrar, especialmente, nos primeiros períodos; contudo, os últimos também merecem atenção especial.

Tabela I – Frequência absoluta e relativa do número de semestres cursados por estudantes evadidos, por curso, área do conhecimento e geral da UFF.

Número de Semestres Cursados	Ciências Sociais		Ciências Humanas		Ciências Agrárias		Ciências da Saúde		Ciências da Engenharia		Ciências Exatas		Lingüística e Letras		Geral UFF	
	F	%	f	%	F	%	F	%	F	%	f	%	F	%	F	%
<>	14	10,2	10	7,6	1	7,6	8	12,9	4	6,1	3	3,8	3	5,6	43	7,8
1 semestre	32	23,0	39	30,0	1	7,6	28	45,3	13	20,0	24	28,5	25	47,1	162	29,6
2 a 3 semestres	47	33,8	45	34,6	6	46,1	11	17,7	23	35,3	22	26,1	15	28,5	169	30,9
4 a 5 semestres	22	15,8	11	8,4	3	23,5	5	8,0	11	16,9	20	23,8	7	13,2	79	14,4
+de 5 semestres	24	17,2	25	19,4	2	15,2	10	16,1	14	21,7	15	17,8	3	5,6	93	17,3
Total	139	100,0	130	100,0	13	100,0	62	100,0	65	100,0	84	100,0	53	100,0	546	100,0

Conforme o apresentado na tabela II, observa-se que a grande maioria dos respondentes da Universidade (90,2%) não procurou o mesmo curso em outra universidade. As áreas de Ciências Humanas (3,0%), Ciências Agrárias (7,6%) e Lingüística, Artes e Letras (3,8%) foram as que apresentaram os menores percentuais de alunos que buscaram o mesmo curso em outra Universidade. A saída para a realização de mesmo curso em outra Universidade foi maior respectivamente nas áreas de Ciências da Engenharia (18,5%), Ciências da Saúde (14,5%), Ciências Exatas (13,1%) e Ciências Sociais (10,0%).

Tabela II - Frequência absoluta e relativa do número de evadidos que procurou o mesmo curso em outra universidade, por curso, área do conhecimento e geral da UFF.

Mudança de Universidade	Ciências Sociais		Ciências Humanas		Ciências Agrárias		Ciências da saúde		Ciências da Engenharia		Ciências Exatas		Linguística Letras		Geral UFF	
	F	%	f	%	F	%	F	%	F	%	f	%	F	%	F	%
Sim	14	10,0	4	3,0	1	7,6	9	14,5	12	18,5	11	13,1	2	3,8	53	9,8
Não	125	90,0	126	97,0	12	92,4	53	85,5	53	81,5	73	86,9	51	96,2	493	90,2
Total	139	100,0	130	100,0	13	100,0	62	100,0	65	100,0	84	100,0	53	100,0	546	100,0

Observa-se, na tabela III, que a amostra de estudantes evadidos não tende a procurar outro curso em outra universidade (80,5%). Porém devemos destacar que a troca de universidade, para realização do mesmo curso, é menor do que a troca de universidade e curso. Da amostra geral, 19,5% optaram pela escolha de outro curso superior em outra Universidade. É possível hipotetizar, neste caso, que, para este grupo, influíram na decisão do abandono questões relacionadas à escolha da carreira, tanto quanto os aspectos relacionados à UFF. As áreas de Ciências Agrárias (46,2%), Ciências da Engenharia (32,3%) e Ciências Exatas (28,6%) apresentaram os maiores, e mais expressivos, percentuais de procura por outro curso em outra IES. Tais dados divergem em muito dos percentuais apresentados nas demais áreas de conhecimento, que giraram em torno de 14,0%.

Tabela III – Frequência absoluta e relativa dos evadidos que procuraram outro curso em outra universidade, por curso, área do conhecimento e geral da UFF.

Mudança de curso e universidade	Ciências Sociais		Ciências Humanas		Ciências Agrárias		Ciências da saúde		Ciências da Engenharia		Ciências Exatas		Linguística Letras		Geral UFF	
	F	%	f	%	F	%	F	%	F	%	f	%	F	%	F	%
Sim	19	13,7	19	14,7	6	46,2	9	14,5	21	32,3	24	28,6	8	15,0	106	19,5
Não	120	86,3	111	85,3	7	53,8	53	85,5	44	67,7	60	71,4	45	85,0	440	80,5
Total	139	100,0	130	100,0	13	100,0	62	100,0	65	100,0	84	100,0	53	100,0	546	100,0

Nos dados referentes ao geral da UFF (ver tabela IV), observamos que o Fator Individual, quando comparado aos demais fatores, é pouco relevante para a evasão, segundo os respondentes. A dificuldade de obter um bom desempenho por falta de conhecimentos não exerceu influência para 70,0% da amostra; a falta de vocação para a carreira não influenciou a decisão de abandonar o curso para

66,0% dos respondentes; os problemas familiares foram apontados por 60,6% como não tendo nenhuma influência na saída do curso, embora esse tenha sido um fator importante na decisão para aproximadamente um quarto da amostra (24,5%). Por último, o desconhecimento da realidade do curso foi apontado por 58,0% como um aspecto não influenciador da evasão.

Nos dados relativos a cada uma das áreas, encontramos comportamento semelhante ao geral da UFF, pois em todas elas os percentuais de pouca e nenhuma influência são os maiores. Dentre os itens que compõem o fator individual, aquele que mais se destaca é o relativo a problemas familiares, que influenciou em todas as áreas de forma expressiva, com exceção da área de Ciências da Engenharia, onde os problemas familiares influenciaram apenas 12,3% dos seus respondentes. Se considerarmos que, no geral da UFF, 19,5% dos ex-alunos procuraram outro curso em outra universidade (tabela V), verifica-se uma coerência com o fato de 12,6% dos evadidos atribuírem grande influência e 12,2% pouca influência ao item “falta de vocação para a carreira” (tabela IV). Em especial, na área de Engenharia houve uma maior procura pelo mesmo curso. Ao se relacionar a influência do desconhecimento da realidade do curso, pode-se supor que este item tenha contribuído, mais fortemente do que nas demais áreas, para o abandono dos cursos desta área.

Quando se toma como referência o conjunto de itens classificados como Fator Externo à universidade (ver tabela V), depara-se com questões que transcendem os limites de ação dos gestores universitários. Entre estas encontra-se a pouca perspectiva no mercado de trabalho, que não teve influência para 48,1% da amostra da UFF, embora tenha influenciado um pouco 18,4% e, fortemente, 26,4% dos respondentes. No âmbito das áreas de conhecimento, se observam resultados semelhantes, com exceção das áreas de Ciências Humanas e Ciências Agrárias, que registraram os maiores percentuais em grande influência, 41,8% e 38,4%, respectivamente.

Ainda no que tange ao Fator Externo, um item que ocupa posição destacada nos motivos da evasão, segundo os respondentes, diz respeito à dificuldade de acesso à universidade. Este item exerce grande influência para 32,1% da amostra geral da UFF. Nas áreas de conhecimento este resultado se repete, girando em torno de 30,0% em todas as áreas. Em especial, em Ciências Sociais, em Ciências da Engenharia e em Lingüística, Artes e Letras, observamos os maiores percentuais de grande influência na evasão, 38,1%, 35,3% e 30,2%, respectivamente, em relação à dificuldade de acesso à instituição.

As despesas com a vida universitária não exercem influência na evasão para 50,0% da amostra da UFF; porém, para 21,4%, exerce grande influência e para 22,3% exerce pouca influência. Observa-se que os ex-alunos dos cursos das áreas de Ciências Sociais (17,9%) e Ciências da Engenharia (15,3%) são os que menos

Tabela IV – Frequência absoluta e relativa do grau de influência do FATOR INDIVIDUAL, por curso, área do conhecimento e geral da UFF.

Itens	Ciências Sociais			Ciências Humanas			Ciências Agrárias			Ciências da Saúde																						
	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe																				
Falta de vocação para a carreira	21	15,1	16	11,5	87	62,7	15	10,7	17	13,0	15	11,5	82	63,0	16	12,5	3	23,0	2	15,5	7	53,9	1	7,6	7	11,2	6	9,6	43	69,6	6	9,6
Desconhecimento da realidade do curso	26	18,7	28	20,1	72	51,9	13	9,3	12	9,2	18	14,0	85	65,3	15	11,5	4	30,7	2	15,6	8	46,1	1	7,6	9	14,5	12	19,3	36	58,2	5	8,0
Dificuldade de obter bom desempenho por falta de conhecimento	10	7,1	18	12,9	96	69,3	15	10,7	4	3,0	15	11,5	96	74,0	15	11,5	2	15,6	2	15,6	8	61,2	1	7,6	3	4,8	14	22,5	41	66,3	4	6,4
Problemas familiares	38	27,3	71	50,8	158	114,4	13	9,3	41	31,6	12	9,2	65	50,0	12	9,2	3	23,2	1	7,6	9	69,2	13	20,9	8	12,9	39	63,0	2	3,2		
Itens	Engenharia			Ciências Exatas			Linguística			Geral da UFF																						
	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe																	
Falta de vocação para a carreira	9	13,8	10	15,3	44	67,9	2	3,0	7	8,3	11	13,0	61	72,8	5	5,9	5	9,4	7	13,2	36	67,9	5	9,5	69	12,6	67	12,2	360	66,0	50	9,2
Desconhecimento da realidade do curso	10	15,3	18	27,6	96	55,6	1	1,5	15	17,8	17	20,2	150	59,7	2	2,3	9	16,9	5	16,9	31	58,7	4	7,5	185	15,5	104	19,0	316	58,0	41	7,5
Dificuldade de obter bom desempenho por falta de conhecimento	2	3,0	11	16,9	51	78,6	1	1,5	14	16,6	19	22,6	50	59,7	1	1,1	5	9,4	3	5,8	40	75,4	5	9,4	40	7,3	82	15,0	382	70,0	42	7,7
Problemas familiares	8	12,3	5	7,6	51	78,6	11,5	18	21,4	13	15,4	52	61,9	1	1,1	12	22,6	4	7,5	34	84	3	5,8	133	24,5	50	9,1	331	60,6	32	5,8	

indicam a influência das despesas com a vida universitária, e que todas as demais áreas apresentam um percentual em torno de 22% a 25% de influência deste item.

Na tabela V, são apresentados os resultados obtidos para os itens que compõem o Fator Institucional. Estes são caracterizados como sendo relacionados à estrutura e funcionamento do curso e da instituição. Os itens institucionais são de responsabilidade direta da universidade, tais como a qualidade de ensino, disciplinas, horário do curso, entre outros. A literatura especializada localiza nos itens desta natureza os principais motivos que acarretam a evasão e que caracterizariam o processo de exclusão acadêmica.

De acordo com os respondentes, o item “decepção com a qualidade dos cursos da UFF” teve grande influência para 21,2%, para outros 21,2% a influência foi pequena. Nas áreas de conhecimento, este item não influenciou na decisão dos estudantes, com exceção da área de Ciências Exatas, em que a “não influência” foi ainda maior (58,5%), e da área de Ciências Sociais, onde 34,7% dos respondentes disseram que tal item não teve qualquer influência. Em verdade este item exerceu mais influência na evasão para as áreas de Ciências Agrárias (38,4%), de Ciências Sociais (25,8%) e de Ciências da Saúde (24,5%). A variação na avaliação da qualidade dos cursos é, de certa forma, esperada, pois é difícil para a Universidade manter níveis de excelência em todos os cursos.

“O horário do curso não permitir exercer outras atividades” é o item apontado como o principal responsável pelo abandono dos cursos da UFF (56% da amostra geral da universidade). Nas áreas de Ciências da Saúde (75,9%), de Ciências Exatas e da Terra (71,6%) e de Ciências da Engenharia (69,4%) os percentuais de grande influência foram ainda maiores que no geral da UFF. Este item tem menor importância na área de Ciências Humanas e de Ciências Sociais, onde o percentual de respondentes que lhe atribuíram grande influência foi bem menor, 37,9% e 48,2%, respectivamente. A necessidade de trabalhar e / ou estagiar se faz presente cada vez mais cedo na vida das pessoas, e é natural que o exercício de tais atividades não seja compatível com a realização de um curso no horário diurno ou integral, como ocorre com a maioria dos cursos da UFF.

A percepção das disciplinas do ciclo básico como muito teóricas exerceu grande influência na evasão para 21,4% da amostra da UFF; para outros 20,3% a influência foi pequena. Com exceção da área de Ciências Sociais Aplicadas, se observa uma tendência semelhante, pois aproximadamente 54,0% dos respondentes em cada uma indicou que tal item não exerceu influência sobre a evasão, e o restante do grupo se dividiu, com metade assinalando grande influência e a outra metade, pequena. Na área de Ciências Sociais Aplicadas verifica-se que para 28,7% dos respondentes é grande a influência deste item. E nas áreas de Ciências Agrárias, Ciências da Saúde e de Lingüística, Artes e Letras foram obtidos os

Tabela V – Frequência absoluta e relativa do grau de influência do fator externo, por curso, área do conhecimento e geral da UFF.

Itens	Ciências Sociais			Ciências Humanas			Ciências Agrárias			Ciências da Saúde																						
	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe																				
	f	%	f	f	%	f	f	%	f	%	f	%																				
Pouca perspectiva no mercado de trabalho	27	19,4	24	17,2	73	52,7	15	10,7	54	41,8	20	15,3	46	35,3	10	7,6	5	38,4	-	6	9,6	14	22,5	35	56,7	7	11,2					
Dificuldade de acesso à universidade	53	38,1	16	11,5	56	40,4	14	10,0	38	29,4	30	23,0	51	39,2	11	8,4	3	23,0	4	30,7	6	46,3	17	27,4	25	40,4	3	4,8				
Despesas com a vida universitária	25	17,9	31	22,3	69	49,8	14	10,0	33	25,4	29	22,3	55	42,3	13	10,0	3	23,0	4	30,7	6	46,3	-	14	22,5	19	30,6	27	43,7	2	3,2	
Itens	Engenharia			Ciências Exatas			Linguística			Geral da UFF																						
	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe																				
	f	%	f	f	%	f	f	%	f	%	f	%																				
Pouca perspectiva no mercado de trabalho	15	23,0	11	16,9	36	55,5	3	4,6	24	28,5	15	17,8	44	52,6	1	1,1	12	22,6	14	26,4	24	45,2	3	5,8	143	26,4	101	18,4	263	48,1	39	7,1
Dificuldade de acesso à universidade	23	35,3	8	12,3	33	50,9	1	1,5	25	29,7	5	5,9	53	63,3	1	1,1	16	30,2	9	16,9	25	47,1	3	5,8	175	32,1	89	16,3	249	45,6	33	6,0
Despesas com a vida universitária	10	15,3	13	20,0	41	63,2	1	1,5	20	24,0	17	20,2	46	54,7	1	1,1	12	22,6	9	16,9	29	54,7	3	5,8	117	21,4	122	22,3	273	50,0	34	6,3

menores percentuais na alternativa de grande influência deste item na evasão, alcançando, respectivamente, 15,6%, 16,1% e 16,9%.

O fato de a maioria dos respondentes abandonar os cursos nos primeiros semestres muito provavelmente interferiu na avaliação do item relativo à articulação entre as disciplinas do ciclo básico e o profissional, pois, como podemos observar, foi o item que obteve os maiores percentuais na opção “não sabe responder”, tanto no geral da UFF quanto nas diferentes áreas que a compõem.

Da amostra geral da UFF, 47,2% consideraram que a sua saída dos cursos não foi influenciada pela desarticulação entre as disciplinas do ciclo básico e as do ciclo profissional, embora 18,4% lhe tenham atribuído grande influência e 19,9%, uma pequena influência. Nas áreas, os percentuais foram semelhantes ao geral da UFF, ou seja, este item não exerceu influência para cerca de 45% dos respondentes de cada área, e aproximadamente 20,0% apontavam-no como de grande influência.

A influência da desarticulação entre o ciclo básico e o profissional, na evasão, foi mais fortemente negada pelos ex-alunos da área de Lingüística, Artes e Letras (62,2%), assim como pelos respondentes das áreas de Ciências Agrárias e de Ciências Humanas, que foram aqueles que menos marcaram a opção “grande influência” (15,6% e 17,1%, respectivamente).

Ainda no que se refere aos itens institucionais, verifica-se que os intervalos grandes entre as disciplinas no mesmo dia configuram um problema para os ex-alunos das áreas de Ciências Agrárias (53,8%), Ciências da Engenharia (52,3%), Ciências Exatas (47,8%) e Ciências da Saúde (43,7%), pois, como se pode observar, aproximadamente cinquenta por cento de cada um destes grupos indicou grande influência deste item na evasão. Nas demais áreas a questão dos intervalos também se apresentou, embora com menor intensidade, de grande influência na saída dos cursos. Na área de Ciências Sociais o percentual de ex-alunos que indicou grande influência foi de 33,8%, na área de Lingüística, Artes e Letras foi de 30,0%, e na área de Ciências Humanas foi de 28,6%.

Os intervalos pequenos para deslocamento entre os campus foram um item de pouca relevância para o abandono dos cursos da UFF, exercendo grande influência apenas para 17,9% da amostra. As áreas de conhecimento que mais sofreram influência deste item foram Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências da Saúde, atingindo, respectivamente, 21,7%, 22,3% e 22,5% na opção “grande influência”. As áreas que indicaram as menores influências deste item foram a de Ciências Agrárias, de Ciências Exatas e de Lingüística, Artes e Letras, pois cada um destes grupos obteve os maiores percentuais em “nenhuma influência” (69,2%, 63,0% e 62,3%, respectivamente).

A falta de disciplinas no horário noturno se apresentou como uma questão importante para a compreensão dos motivos que levaram à evasão nos cursos da

Tabela VI- Frequência absoluta e relativa do grau de influência do fator institucional, por curso, área do conhecimento e geral da UFF.

Itens	Ciências Sociais			Ciências Humanas			Ciências Agrárias			Ciências da Saúde																								
	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe																						
	f	%	f	f	%	f	f	%	f	f	%	f																						
Decepção com a qualidade do curso	36	25,8	33	23,7	48	34,7	22	15,8	21	16,3	27	20,7	67	51,5	15	11,5	5	38,4	1	7,6	6	46,4	1	7,6	15	24,5	8	12,9	32	51,6	7	11,2		
Horário do curso não permitir outras atividades	67	48,2	18	12,9	41	29,6	13	9,3	49	37,9	24	18,4	47	36,1	10	7,6	7	53,8	3	23,1	3	23,1	-	-	47	75,9	4	6,4	8	12,9	3	4,8		
Disciplinas do básico serem teóricas	40	28,7	24	17,2	59	42,6	16	11,5	24	18,4	31	23,8	59	45,3	16	12,5	2	15,6	7	53,8	1	7,6	10	16,1	12	19,3	35	56,6	5	8,0				
Disciplinas do básico serem atividades profissionais	28	20,1	28	20,1	62	44,7	21	15,1	22	17,1	23	17,6	58	44,6	27	20,7	2	15,6	4	30,7	3	23,0	13	21,2	15	24,1	27	43,5	7	11,2				
Intervalos grandes entre disciplinas	47	33,8	18	12,9	57	41,1	17	12,2	37	28,6	19	14,6	57	43,8	17	13,0	7	53,8	1	7,6	4	31,0	7	27	43,7	10	16,1	21	33,8	4	6,4			
Intervalos para deslocamento entre campus	31	22,3	24	17,2	66	47,6	18	12,9	28	21,7	19	14,8	66	50,7	17	13,0	2	15,6	7	53,8	1	7,6	9	69,2	14	22,5	12	19,3	29	47,0	7	11,2		
Falta de disciplinas no horário noturno	46	33,0	16	11,5	61	44,0	16	11,5	47	36,3	7	5,3	63	48,4	13	10,0	4	30,8	-	-	9	69,2	-	-	37	59,6	4	6,4	17	27,6	4	6,4		
Itens	Engenharia			Ciências Exatas			Linguística			Gerais da UFF																								
	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe	Grande	Pouca	Não Sabe																						
	f	%	f	f	%	f	f	%	f	f	%	f																						
Decepção com a qualidade do curso	12	18,6	19	29,2	31	47,6	3	4,6	16	19,0	17	20,2	49	58,5	2	3	11	20,7	28	52,8	3	5,8	116	21,2	116	21,2	261	47,9	53	9,7				
Horário do curso não permitir outras atividades	45	69,4	10	15,3	9	13,8	1	1,5	60	71,6	8	9,5	15	17,8	1	1,1	31	59,4	6	11,3	14	26,4	2	3,9	306	56,0	73	13,3	137	25,0	30	5,7		
Disciplinas do básico serem teóricas	14	21,5	13	20,0	36	55,5	2	3,0	18	21,6	18	21,4	46	54,7	2	2,3	9	16,9	10	18,8	29	54,9	5	9,4	117	21,4	111	20,3	271	49,6	47	8,7		
Disciplinas do básico serem atividades profissionais	13	20,0	16	24,8	31	47,6	5	7,6	17	20,2	15	18,0	43	51,1	9	10,7	6	11,4	8	15,0	33	62,2	6	11,4	101	18,4	109	19,9	258	47,2	78	14,5		
Intervalos entre disciplinas	34	52,3	11	16,9	16	24,7	4	6,1	40	47,8	16	19,0	26	30,9	2	2,3	16	30,0	8	15,0	22	41,5	7	13,5	208	38,0	83	15,2	203	37,1	52	9,7		
Intervalos no entre campus	8	12,3	21	32,3	32	49,3	4	6,1	12	14,5	16	19,0	53	63,0	3	3,5	3	5,8	8	15,0	33	62,3	3	5,8	17,9	101	18,4	288	52,7	59	11,0			
Falta de disciplinas no horário noturno	37	57,1	8	12,3	18	27,6	2	3,0	44	52,6	12	14,2	24	28,5	4	4,7	18	33,9	4	7,5	25	47,3	6	11,3	233	42,6	51	9,3	217	39,7	45	8,4		

UFF, pois a amostra geral da UFF (42,6%) indicou “grande influência” deste item. Nas áreas de conhecimento, os maiores percentuais de grande influência neste item foram observados nas áreas de Ciências da Saúde, de Ciências da Engenharia e de Ciências Exatas e da Terra (59,6%, 57,1% e 52,6%, respectivamente). A área de Ciências Agrárias foi a que apresentou o maior índice em “nenhuma influência” (69,2%). Não se descarta a possibilidade de o item “falta de oferta de disciplinas no horário noturno” estar relacionado com as despesas com a vida universitária, pois os cursos diurnos atrapalham o exercício de outras atividades que, por sua vez, poderiam amenizar os gastos familiares.

Em síntese, observou-se em relação à amostra geral da UFF:

O ordenamento dos maiores percentuais de grande influência, no fator individual, ficou composto por: problemas familiares (24,5%), desconhecimento da realidade do curso (15,5%), falta de vocação para a carreira (12,6%) e dificuldade de obter bom desempenho por falta de conhecimento (7,3%). É necessário ponderar o percentual de alunos que indicou uma pequena influência em cada item, pois, ao se agregar os percentuais de grande aos de pouca influência, se observa que o somatório do item “problemas familiares” (33,6%) foi um pouco menor do que o item “desconhecimento da realidade do curso” (34,5%), indicando que, no conjunto, ambos os itens têm peso neste fator.

O ordenamento dos maiores percentuais de grande influência no fator externo ficou composto por dificuldade de acesso à universidade (32,1%), pouca perspectiva do mercado de trabalho (26,4%) e despesas com a vida universitária (21,4%). Torno de 50% da amostra nega a influência destes itens, enquanto o restante lhes atribui grande ou pequena influência na evasão. De qualquer forma se observa que os fatores externos foram mais importantes que os fatores individuais.

O ordenamento dos maiores percentuais de grande influência, no fator institucional, ficou composto por: “horário do curso não permitir exercer outras atividades” (56,0%), “falta de oferta de disciplinas no horário noturno” (42,6%), “intervalos grandes entre as disciplinas do mesmo dia” (38,0%), “disciplinas do básico serem teóricas” (21,4%), “decepção com a qualidade do curso” (21,2%), “disciplinas do básico desarticuladas do ciclo profissional” (18,4%) e “intervalos pequenos para deslocamento entre campus” (17,9%).

É necessário ponderar o percentual de alunos que indicou uma pequena influência em cada item, pois, ao se somar os percentuais de grande com os de pouca influência, se observa que o resultado do item “falta de oferta de disciplinas no horário noturno” (51,9%) foi menor do que o do item “intervalos grandes entre disciplinas no mesmo dia” (53,2%), indicando que no conjunto ambos os itens tem peso semelhante neste fator.

Ao se fazer o ordenamento geral dos itens apontados como de grande influência, desconsiderando os fatores individual, externo e institucional, pode-se ob-

servar quais itens apresentam maior influência na evasão. O ordenamento ficou assim caracterizado: “horário do curso não permitir o exercício de outras atividades” (56,0%), “falta de oferta de disciplinas no horário noturno” (42,6%), “intervalos grandes entre as disciplinas no mesmo dia” (38,0%), “dificuldade de acesso à universidade” (32,1%), “pouca perspectiva de mercado” (26,4%), “problemas familiares” (24,5%), “despesas com a vida universitária” (21,4%), “disciplinas do básico serem muito teóricas” (21,4%) e “decepção com a qualidade do curso” (21,2%).

Os itens de menor influência foram: dificuldade de obter bom desempenho por falta de conhecimento (7,3%), falta de vocação para a carreira (12,6%) e desconhecimento da realidade do curso (15,5%). Configuram-se, desta forma, a relevância do fator institucional e do fator externo entre as principais causas da evasão e, em relação especificamente ao primeiro, observa-se que a UFF deve fazer um esforço para alterar os horários de seus cursos concentrando disciplinas, sem intervalos, no período noturno.

A título de conclusão sobre as opiniões da amostra considerada, se observa, como indicado, uma prevalência dos itens institucionais no abandono dos cursos da UFF, seguidos dos itens externos à universidade. Porém, uma questão se coloca: se os itens institucionais foram os principais responsáveis pelo abandono, por que os ex-alunos não procuraram outra instituição que lhes oferecesse um horário mais flexível? Com isso, não se está querendo negar o grau de influência dos fatores institucionais. Até porque se verificou que a dimensão do problema está associada, entre outras coisas, à construção do quadro de horário, que deveria tomar como referência as necessidades dos alunos, tanto em termos de trabalho e estágio quanto de deslocamento.

Um dado que também chama a atenção é o alto índice de abandono nos primeiros semestres. O que nos leva a admitir que as causas da evasão são sentidas, de modo rápido, pelos respondentes ao estudo. Como causas intermediárias se observam os itens “dificuldade de acesso à universidade” e “despesas com a vida universitária”. Este ganha força quando se observa que a maioria não voltou a estudar novamente.

Conclusões Gerais:

A materialidade do fenômeno da evasão na UFF, dada a multiplicidade de dimensões a ele associadas, implica compreendê-lo na sua diversidade. Entretanto, assume destaque que a análise das suas causas revela a importância que assumem, na sua geração, os procedimentos de gestão acadêmica implementados pelos dirigentes acadêmicos ao longo do tempo. Estas formas de gestão adotam atitudes político-acadêmicas que se esquivam de enfrentar as causas da evasão,

tanto por conta das repercussões momentâneas sobre as verbas a serem concedidas pelo governo federal quanto por um relativo descompasso entre os projetos pedagógicos e as características do alunado que procura a universidade.

Quando o aluno é chamado a se pronunciar sobre os motivos da sua decisão de abandonar o curso, ressalta-se a preponderância, em todas as áreas do conhecimento, de elementos associados à gestão; em segundo lugar evidenciam-se aqueles fatores sobre os quais a instituição não tem como exercer um controle mais direto (dificuldades de acesso, problemas familiares, expectativas no mercado de trabalho, entre outros). E, em último lugar, estão os elementos associados à falta de vocação para a carreira ou ao reconhecimento de que as informações disponíveis sobre o curso não eram realmente consistentes. Conseqüentemente, recomenda-se a implementação de ações de inclusão dos estudantes da UFF, tanto do ponto de vista social quanto do pedagógico.

Bibliografia

- ALLPORT, G. W. *The person in Psychology: selected essays*. Boston: Beacon, Press: 1968.
- ALMEIDA, S. C. F. de. *As contribuições sociais de empregadores e trabalhadores: repercussões sobre o mercado de trabalho e grau de evasão*. Brasília, DF.: IPEA, 1992. 26p.
- AZEVEDO, G. A. V. de. *Fatores de risco na evasão escolar*. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, UFPB, 1996..
- BALZAN, N C et ali. *Expectativas imediatas e a longo prazo dos concluintes de graduação de três universidades situadas no 30º Distrito Geo-Educacional*. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.33, n.7, pp.130-131, jul. 1981.
- BARBOSA, A. S. *Prática pedagógica na Universidade de Viçosa (UFV)*. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 39, n. 4, pp. 371-378, abr. 1987.
- BARROSO, C. L. de M. *Estudo de predição do comportamento acadêmico: II - Faculdade de Medicina*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 5, pp. 55-75, nov. 1972.
- BEAN, J.P. *Dropouts and turnover: the synthesis and test of a causal model of student attrition*, *Research in Higher Education*, Local, n. 12, p. 155-187, 1980.
- BENDA, R. *O Ensino superior no Brasil*. *Revista* 48, São Paulo, 1984.
- BICUDO, M. A. *Evasão escolar nos cursos de Graduação da UNESP*. São Paulo, UNESP, 1995.
- BOHOSLAVISKY, R. *Orientação vocacional: teoria, técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1983.

BORDAS, M, C et al. Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas. *Revista Avaliação*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 55-65, dez. 1996

BORNSTEIN, C. T. Crise e evasão na universidade. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 35, n. 12, pp. 1869-1872, dez. 1983.

BORUNCHOVITCH, E. Aspectos motivacionais das dificuldades de aprendizagem e as estratégias de aprendizagem. In: Resumos de Simpósios e Comunicações científicas da XXXI Reunião Anual de Psicologia - Sociedade Brasileira de Psicologia. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Psicologia, 2001. v. I, p. 192.

BRAGANÇA, C. M. da S. Estudos sobre alguns dos fatores que concorrem para a reprovação escolar no Centro de Estudos Sociais Aplicados da UFF no 2º semestre de 1974. 1976. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Mime.

BRANDÃO, A. et al. Ensino e graduação: uma análise crítico-reflexiva. In: Congresso Interno da UERJ. 1., 1985, Rio de Janeiro: UERJ, 1985.

BRASIL, MEC. Desenvolvimento da Educação no Brasil. Brasília, MEC, 1996.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 10 jan. 2001. Seção 1, pp. 1-20.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Pós-Graduação. I Plano Nacional de Pós-Graduação. Brasília, DF, 1975.

BUENO, J.L. A evasão de alunos. *Jornal da USP*. São Paulo, USP, 14a20 de junho de 1993.

CARVALHO, I. M. F. de. O fenômeno de evasão: um desafio para a universidade. *Boletim ANPED*. n. 1, p.76, set. 1992.

CHICKERING, A. *Education and Identity*. San Francisco, CA: Jossey -Bass, 1976.

COSTA, A. B. da & CAMPOS, H. R. Disponibilidade de informação e comportamento da evasão. Universidade Federal de Minas Gerais. Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG – PAIUB. Belo Horizonte: PROGRAD/UFMG, 2000. Cadernos de Avaliação 3.

COSTA, V. Evasão, retenção e rendimento em relação a ordem de opção atendida nos cursos de graduação da UFRGS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, UFSC, 1979.

CPAIUFF. Comissão Permanente de Avaliação Institucional da UFF. Diplomação, retenção e evasão nas Universidades Públicas Brasileiras. In: Variáveis e indicadores do Projeto de Avaliação Institucional da UFF. Niterói, UFF/CPAIUFF, 1997. 136p.

CPAIUFF. Indicadores de Graduação: Documento 4 – Evasão. Niterói, *mime*, 1998.

DIAZ, M. D. M. Permanência prolongada na graduação da USP: custos e fatores associados. 1996. Tese de Doutorado. Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DICK, M. V. A graduação e a qualidade do ensino superior. Universidade: a busca da qualidade. Vol.1, n. 1, IBRAQS, São Paulo, jan/fev., 1994.

DOS SANTOS, A; PRIMI, R.; VENDRAMINI, C. M Medeiros; TAXA, F.; LUKJANENKO, M. de F.; MÜLLER, F.; SAMPAIO, I.; JR, S.A; KUSE, F. K. e BUENO, C. H. Habilidades básicas de universitários ingressantes. Revista Avaliação, Campinas, ano-5 número 2(16), Jun. 2000.

FÉRES, M. Z. F. C. Evasão escolar no ensino superior - o caso da Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da documentação de Marília. Ciência e Cultura, São Paulo, v.32, n.7, p.147, jul. 1980.

FESTINGER, L. Teoria da Dissonância Cognitiva. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

FREITAS, W. M. M. Escolha profissional e necessidades humanas: alguns valores influentes na escolha profissional dos adolescentes das classes superiores da sociedade niteroiense. Dissertação Mestrado em Educação. Niterói. UFF, 1980.

FUSINATO, P. A; HAMBURGER, E. W. Estudo do desempenho e evasão dos ingressantes no IFUSP em 1989, após cinco anos de curso. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 46, n. 7, jul. 1994.

GARCIA,V.H., SILVA, E. S. Perfil do aproveitamento em disciplinas básicas (Ciências Exatas) dos alunos de Engenharia da FEJ. Ciência e Cultura, São Paulo, v.38, n.7, p.135, jul. 1986.

GATTI, B. A. et al. Estudo da evasão de alunos em alguns cursos da USP. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 36, n. 7, p. 169-170, jul. 1984.

GOMES, A.A. Evasão e evadidos: o discurso dos ex-alunos sobre evasão escolar nos cursos de licenciatura. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília. São Paulo, 1998.

HAMBURGER, E. W. Evasão. In: Anais do Simpósio Nacional de Ensino de Física, 7., 1987, São Paulo. São Paulo: USP/Instituto de Física, 1987.

HAMBURGER. E. W. Levantamento preliminar da evasão na Universidade de São Paulo. São Paulo: USP/Instituto de Física, 1986. (Publicações).

LEMO, D.G., TARDIN, A.M.E., BRAGANÇA, C.M.S. et al. O que pensam administradores, professores e alunos sobre o sistema de créditos na UFF. Ciência e Cultura, São Paulo, v.39, n.7, p.156, jul. 1987.

MAHER, J. P.; FAGIANNI, A. Evasão e flutuação nos cursos de graduação da UNICAMP. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 40, n. 7, p. 210-211, jul. 1988.

MAIA, M. F. A evasão no terceiro grau: a quem interessam as razões?: caracterização do aluno evadido dos cursos de graduação e licenciatura do campus I da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, no período 1975-80. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas, UNICAMP, 1984.

MARTINS, J. P. Estudo da evasão escolar de alunos da graduação da Universidade Federal de São Carlos. 1984. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSCAR, São Carlos.

MEC. Relatório da Comissão Especial para Estudos sobre Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras. Diplomação, Retenção e evasão nos cursos de graduação em IES públicas. Brasília, outubro de 1996.

MERCURI, E.; MORAN, R. C.; AZZI, R. G. Estudo da evasão de curso no primeiro ano da graduação de uma universidade pública federal. São Paulo: USP/NUPES, 1995. (Documento de Trabalho, 5/95).

MESSENDER, A. M. S. O primeiro ciclo na Universidade Federal da Bahia. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1976

MORAES, I. Evasão da universidade. In: MORAES, I. Perfil da universidade. São Paulo: Pioneira/ EDUSPP, 1986.

MORIN, E. A. Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro, Bertrand Russel, 2000.

MORIN, E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro, Bertrand Russel, 1999.

MOYSÉS, L. et al. A evasão escolar chega à universidade. Revista da Faculdade de Educação da UFF, Niterói, v. 12, n. 2, p. 7-24, jul./dez., 1985.

MOYSÉS, L. M. M. et ali. A evasão escolar na UFF. Estudo Específico. Programa de Avaliação da Reforma Universitária. Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1985.

NASCIMENTO, P. F.; NUNES, F. S.; MARTINS, V. A. P.; PALHARINI, F. A.. Índices e Metodologia para a Análise Qualitativa da Evasão na UFF. In: Anais do 11º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PRÊMIO VASCONCELLOS TORRES DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – 2001. Niterói, PROPP/UFF, 2001. v. 1, p. 335.

OCHA, J.C.C. Evasão escolar no ensino de terceiro grau: um estudo de caso na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1988. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro, UERJ, 1988.

OLIVEIRA, M DE. F. A. Avaliação no 3º grau: um estudo exploratório a partir das concepções de professores e alunos dos cursos de licenciatura. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UERJ, 1996.

PAIUB. COMISSÃO NACIONAL DE AVALIAÇÃO. Documento Básico Avaliação das Universidades Brasileiras: uma proposta nacional. Brasília, 26 de novembro de 1993.

PALHARINI, F. A. Com licença, a UFF quer passar: anotações para uma avaliação institucional. Cadernos do Centro de Estudos Sociais, Niterói, v. 11, n. 2, p. 33-49, 2001.

PALHARINI, F. A. O Estado do PAIUB em Universidades Federais da Região Sul e Sudeste: Tormento ou Paixão. *Tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFF*. Niterói, UFF, maio de 1999.

PALHARINI, F. A.; MARQUES, A. S.; DIAS, A. G.; PEREIRA, C. D.; NUNES, F. S.; LIMA, K. L. D.; RAMALHO, L. L. C.; RANGEL, M. N.; NASCIMENTO, P. F.; SILVA, T. C. Evasão na UFF: Passado, Presente e Futuro. In: Anais do 11º Seminário de Iniciação Científica e Prêmio UFF Vasconcellos Torres de Ciência e Tecnologia, 2001. Niterói, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, 2001. v. I, p. 344.

PALHARINI, F. A.; SOUZA, P. S.; ROCHA, S. F. Estudo Piloto sobre a Evasão na UFF. In: XXXI REUNIAO ANUAL DE PSICOLOGIA - SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 2001, Rio de Janeiro. Resumos de Comunicações Científicas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Psicologia, 2001c. v. I, p. 188-188.

PALHARINI, F. A.; NASCIMENTO, P. F.; MARTINS, V. A. P.; NUNES, F. S. Estado da Arte nos Estudos sobre Evasão: Configuração e Tendências no Ensino Superior. In: Anais do 11º Seminário de Iniciação Científica e Prêmio UFF Vasconcellos Torres de Ciência e Tecnologia - 2001, Niterói, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFF, 2001a. v. I, p. 336.

PALHARINI, F.; MARTINS, V. A. P.; RANGEL, M. N.. Relatório Final do Projeto PIBIC/UFF: A Palavra é do Aluno: Avaliando a UFF através dos evadidos e diplomados. 2002. Niterói, UFF/NUTADI, 2002a. 150p.

PALHARINI, F.A. Tormento e Paixão pelos Caminhos do PAIUB. Avaliação. Revista Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior.V.6, nº 1 (19), p. 15-26, Campinas, março 2001d.

PALHARINI, F.A.; NASCIMENTO, P. F.; NUNES, F. S. Relatório Final do Projeto PIBIC/UFF 2000 - Em busca das Causas da Evasão na UFF: um estudo comparativo por áreas de conhecimento. Niterói, UFF/NUTADI, 2001b.

PAREDES, A. S. A. A evasão do terceiro grau em Curitiba. *NUPES-USP*. São Paulo, documento de trabalho nº6, 1994.

PASSOS, M. S. Relação entre valores pessoais e escolha do curso superior. Mestrado em Educação. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, UFRJ, 1978.

PEIXOTO, M. C. L. BRAGA, M. M., e BOUGUTCHI, T. F. A evasão no ciclo básico da UFMG. Cadernos de Avaliação 3. Avaliação Institucional UFMG-PAIUB. Belo Horizonte, PROGRAD-UFMG, 2000. 140 p.

PEREIRA, J. T. V. Uma contribuição para o entendimento da evasão. Revista Avaliação, Campinas, ano 1, n. 2, p. 23-32, dez., 1996.

PROAC. Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos da UFF. Relatório da pesquisa com alunos evadidos da UFF. Niterói, PROAC, 1997.

RAMOS, M. N. Quadro da Evasão na UFPE: metodologia, causas e ações. Pernambuco, UFPE, 1995.

REIS, E. A. et al. Evasão nos cursos de graduação da UFMG: pesquisa quantitativa de painel. Universidade Federal de Minas Gerais. Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG – PAIUB. Belo Horizonte: PROGRAD/UFMG, 2000. Cadernos de Avaliação 3.

RIBAS, J.V. UFF: de uma Universidade adiada para um projeto institucional. Niterói, PROAC/EDUFF, 1985.

RIBEIRO, S. & KLEIN, R. A divisão interna da universidade: posição social das carreiras. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 1979.

RISTOFF, D. Evasão: exclusão ou mobilidade. Florianópolis, UFSC, 1995. mime.

ROSA, E. Evasão no Ensino Superior: um estudo de caso sobre a UFG. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, FGV/EBAP, 1977

SANTOS, A. Diagnóstico do fluxo de estudantes nos cursos de graduação da UFOP: Retenção, diplomação e Evasão. *Avaliação*. Ano 4, vol 4, nº4 (14), dezembro de 1999 p. 55-66.

SILVA, R. R. *et alli*. Evasão e reprovações no curso de química das Universidades Brasileiras. *Química Nova*, 18 (2) 1995.

SILVA, W.C. Evasão de estudantes dos cursos superiores de formação de Professores: o caso da UFF. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.45, n.7, p.259, jul. 1993.

UNICAMP. Elementos para um diagnóstico da graduação na UNICAMP. Campinas: UNICAMP, 1992.